

Inventário de batalhas

Estação Claro Gávea acolhe longa de Bigode sobre o atleta que virou usina viva de filmes

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao procurar o filme ideal para sintetizar o espírito de resiliência de um Festival do Rio que trombou com uma eleição de resultados (ainda que parciais) temerários, o Correio da Manhã não teve dúvidas: o escolhido só poderia ser “O Cinema Possível”. Os motivos são muitos, mas, como a gente viu o longa-metragem, de véspera, rola dizer que sua excelência é o fator nº 1. Conta ainda – e muito – o assunto: Carlos Vinícius Borges, bamba do judô que virou dono de videolocadora e transformou seu empório de VHS e DVD na sede de uma prolífica produtora, passando a dirigir incansavelmente.

Hoje ele ainda anima as projeções no Grupo Estação, qual o zé-pereira audiovisual. Conta também a grife da direção: Luiz Carlos Lacerda, o Bigode. Cada vez mais inquieto na raia documental, o poeta e diretor que assinou delícias como “For All – O Trampolim da Vitória” (1997) debruçou-se sobre imagens raras de Cavi, numa trança lírica de memórias e sonhos. O Correio pediu uma declaração ao realizador sobre o longa. O danado respondeu com um poema... inédito... feito para o jornal... para vocês... pro 28º Festival do Rio, que se despede da cidade neste domingo, com sua premiação no Odeon.

Os versos de Bigode sobre Cavi: Em seu andar de pantera Há um menino que vive de calças curtas, presente a caminhar sobre estrelas (sendo uma delas Patrícia, dessa mesma natureza, num pas-de-deux de Cinema).

Seja em Cannes ou na favela, menino de calças curtas doce lutador, onde o queiram Sua presença de fera fera rompendo grades que impossibilitem o que seja: pra ele não há limites faz da impossível espera o Cinema do possível

Aprendeu com Mestre Nelson.

Em seu sorriso brejeiro, o que o motiva, quem sabe? É o Cinema brasileiro!

ENTREVISTA | CAVI BORGES

CINEASTA E PRODUTOR

‘Foi no Festival do Rio que passei de espectador a realizador’



Produtor, realizador, exibidor e agitador cultural, o ex-atleta e hoje usina de fazer filmes Carlos Vinícius Borges construiu uma trajetória tão improvável que virou personagem de um longa. E é um longa sobre ele e seu legado. Em “O Cinema Possível”, Bigode documenta os feitos do artista que saiu dos tatames do judô para transformar uma locadora, a Cavideo, numa indústria de transformar enredos em narrativas cinematográficas e seriados.

Com isso, seu criador, sob um indefectível figurino composto de bermudão e camiseta, virou uma Netflix humana, um streaming vivo em prol do audiovisual independente brasileiro. A exibição no Festival do Rio do .doc sobre seus feitos ganha um componente afetivo particular: é diante de uma plateia formada também por pessoas que frequentaram sua loja, suas mostras, suas pré-estreias e suas produções que Cavi verá sua própria história ocupar a tela do Estação Claro Gávea 3, às 20h45 desta sexta. Tem uma nova exibição neste sábado, às 16h15, no Estação Claro Rio3. O programa é duplo, pois inclui o curta “Helena! Cinema!”, um poema visual que Cavi e Christian Caselli, seu habitual (e mais genial) montador, fizeram para celebrar a atriz e diretora Helena Ignez.

Qual foi a história mais emocionante que você viveu com a Cavideo?

Cavi Borges - Foram várias situações muito emocionantes. Acho que uma delas foi a ocasião em que ganhei meu primeiro prêmio, que foi inclusive no Festival do Rio, de Melhor Curta, por “7 Minutos”, em 2007, junto com Paulo Silva e Júlio Pecly. Depois, teve a ida a Cannes, com “A Distração de Ivan”, em 2010, que também foi um momento muito especial.

Qual é a emoção de ver sua história virar filme em “O Cinema Possível”?

Esse filme é mais do que eu. É a Cavideo. Vai ser muito legal poder ver no telão a história da produtora e um pouco da minha história, desde a época do judô até os dias de hoje. Com certeza, vai ser emocionante estar com o público e os amigos. Acho que estarão na plateia muitas pessoas que viveram e participaram dessa história: primeiro como clientes da locadora, depois participando dos eventos, das mostras, das nossas pré-estreias e dos nossos filmes. E principalmente aqui, no Festival do Rio, meu festival preferido, onde vi meus primeiros filmes e onde passei de espectador a realizador.

Você se lembra do primeiro filme que viu na vida? Onde foi e quem levou você?

Não lembro exatamente qual filme dos Trapalhões foi, mas os primeiros filmes que vi no cinema – e que realmente me impactaram e me emocionaram, fazendo eu me divertir muito numa sala de projeção – foi um dos longas deles. Nasci



Cavi e o boneco da diretora belga Agnès Varda no saguão do Estação Botafogo

em 1975, então devia ter uns quatro ou cinco anos. Tenho uma memória muito feliz de assistir a vários filmes dos Trapalhões no cinema e sair amarradão. Eu ia com um amigo do meu prédio, o Zé Gustavo. Mesmo muito novo, ele já era todo cinéfilo, intelectual. Eu pegava carona com ele para ver os filmes. Inclusive foi ele quem me levou para assistir a “Delicatessen”, que me impactou muito.

O que mudou de maneira

mais radical na forma de fazer cinema no Brasil da pandemia para cá, quando você enfrentou uma luta árdua pela vida, contra a covid-19?

Houve muitas mudanças, mas talvez a principal tenha sido o uso do celular, que ficou muito forte durante a pandemia. Isso permaneceu. Meus últimos curtas, eu filmei todos com celular. Eu tenho feito muitas filmagens com a Patrícia (Niedermeier, bailarina, atriz, diretora, artista visual, coreógrafa e mulher de Cavi), viajando, trabalhando com videoarte e videodança. O ce-

lular virou câmera e instrumento de registro: é leve, rápido e hoje consegue alcançar uma qualidade muito alta. Para mim, talvez seja a grande mudança na realização. Se formos pensar em exibição e distribuição, aí as mudanças são imensas: teve o fortalecimento do streaming e, com ele, a criação de novos hábitos de assistir e consumir cinema.

Você está com dois longas inéditos prontos. O que pode adiantar sobre eles?

Temos dois longas da Cavideo prontos e estamos esperando um festival legal para estreá-los. Um é “Andrômeda”, que dirigi com a Patrícia e nasceu do que aconteceu comigo durante a pandemia, quando tive covid e fui intubado. Pegamos esse fato real e imaginamos como se eu tivesse ido para outro planeta, que chamamos de Andrômeda. Criamos uma ficção a partir dessa situação verídica. O outro é “Procurando Maya Deren”, da Patrícia, do qual sou produtor e roteirista. Mistura videoarte, performance, cinema e arquivo. Estamos tentando festivais internacionais. Serão dois filmes que vamos circular bastante em 2027.

E o que você pretende dirigir e produzir daqui para a frente?

Neste momento, estou me dedicando muito ao Cine Brasil TV. Assumimos a coordenação do canal, que tem 22 anos era da Teresa Trautman, e estamos fazendo uma reformulação. Estou produzindo séries, filmes e telefilmes para o canal, muita coisa. Ele se tornou um lugar novo para pensarmos outras formas de produção, para além do cinema e dos festivais, entrando também na TV por assinatura. (R. F.)